

4

Buber e a educação: diálogo como resolução de conflitos

<https://doi.org/10.62551/2595-4539.2024.524>

Roberlei Panasiewicz¹

MORGAN, W. John; GUILHERME, Alexandre. **Buber e a educação**: diálogo como resolução de conflitos. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2023. 276 p.

O desafio de desenvolver relações dialógicas perpassa a história dos seres humanos. Conflitos e guerras seguem assombrando as relações entre culturas e nações. Os processos educacionais buscam eficácia em sua maneira de conceber as relações entre professores, alunos e ambientes educacionais. Entretanto, por que tantas polarizações, defesas das próprias verdades, intolerâncias religiosas e fechamentos ao encontro aberto com o outro? A diferença é ameaça que deve ser eliminada ou possibilidade de crescimento? Há variedade de perguntas que perpassam a mente no estudo das relações interpessoais e interculturais da história humana – de forma particular, o último século e o início do século XXI. Martin Buber (1878-1965) foi uma pessoa extremamente incomodada com questões como essas e enfrentou o desafio de refletir sobre novas construções para as relações humanas e buscar caminhos existenciais para elas.

1 Doutor e mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e pós-doutor em Teologia pela Faculdade dos Jesuítas. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisador do pluralismo e do diálogo inter-religioso e intercultural, trabalha com temas de fronteira que os perpassam. E-mail: roberlei@pucminas.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5871245626115751>.

Nesse livro, *Buber e a educação: diálogo como resolução de conflitos*, W. John Morgan (pesquisador das Ciências Sociais) e Alexandre Anselmo Guilherme (pesquisador da Filosofia), ambos educadores, resolveram trabalhar o pensamento de Martin Buber – particularmente, a sua compreensão do *diálogo* aplicado ao ambiente educacional. As palavras-princípio *Eu-Tu* e *Eu-Isso* conduzirão todo o livro, pois, na compreensão dos autores, estão na base para a resolução dos conflitos, seja nas relações interpessoais, seja nas relações entre nações. O livro está dividido em dez capítulos. O início da obra narra brevemente a vida de Buber e as palavras-princípio. Em seguida, apresenta-o em seu tempo, em meio ao Holocausto, relaciona-o com outros autores, aplica sua reflexão à paz no Oriente Médio e faz lapidações, apresentando suas contribuições para o processo educacional. Por fim, a obra traz uma reflexão sobre o interculturalismo no Brasil.

O primeiro capítulo do livro, proposto como *Introdução*, apresenta breve biografia de Martin Buber, nascido em Viena, de família de judeus ortodoxos, filósofo social, um dos maiores pensadores sobre educação do século XX. O capítulo mostra várias faces da sua vida como religioso, estudioso, educador e ativista pela paz e apresenta a sua obra *Eu e Tu* (1923, em alemão, e só traduzida para o inglês em 1937). Nessa obra, Buber apresenta uma taxonomia das relações entre as pessoas: *Eu-Tu* e *Eu-Isso*. A primeira relação trata da mutualidade, de encontro de pessoas que se reconhecem como iguais e desenvolvem o que pode ser chamado, propriamente, de *diálogo*. É a relação entre dois amigos ou dois amores ou entre professor e aluno. Entretanto, para que essa relação ocorra, é necessária uma estrutura adequada, pois o infinito e a universalidade de possibilidades estão na base dessa relação. Na raiz de seu existencialismo, há três princípios: a consciência de que os indivíduos são singulares e devem ser respeitados, de que é preciso recorrer ao *Outro* e de que o compromisso com o *Outro* deve ser genuíno. O autor distingue a reciprocidade da mutualidade. Enquanto na reciprocidade um indivíduo faz algo para o outro esperando algo em troca, na mutualidade eles fazem juntos. Essa é a relação *Eu-Tu*. Na relação *Eu-Isso* é diferente. Nessa relação, não há o reconhecimento do *Outro* como um igual. O *Outro* é objetificado, não

tem valor em si mesmo. Porém, utilizamos dos serviços uns dos outros. É uma relação de afazeres. Entretanto, mesmo aí, o cumprimento dessa prestação de serviço pode ser cordial e fazer emergir a relação *Eu-Tu*. Assim, existe uma oscilação nessas relações. Os autores compreendem que, com base na filosofia do diálogo de Buber, é possível pensar a resolução de conflitos entre indivíduos e mesmo entre comunidades.

No segundo capítulo, *Os tempos de Buber*, os autores iniciam com um relato do *Zeitgeist*, termo que indica o *espírito do tempo* ou *de uma época*, e apontam as mudanças ocorridas no fim do século XIX e início do século XX, particularmente na Alemanha. Há fascínio pela tecnologia, que vem acompanhada das mudanças na economia e no trabalho (o taylorismo e o fordismo). Max Weber escreve sobre as relações humanas com Deus e com o trabalho e sobre as relações inter-humanas. Em julho de 1918, a Alemanha é derrotada na Primeira Guerra e, em novembro, ocorre a Revolução de Novembro de 1918. Em 1919, há o Tratado de Versalhes, com perdas territoriais. Emerge a noção de germanismo (*Deutschtum*), sentimento de comunidade muito unida, com base na língua e na identidade racial alemãs. A radicalização desse movimento gerou profunda inquietação por parte daqueles que não eram considerados *povo alemão*. É nesse quadro histórico que deve ser pensada a filosofia de Buber. O livro *Eu e Tu* foi escrito entre 1919 e 1922 e publicado em 1923 e reflete parte do conflito da época: a relação entre a humanidade e Deus, entre o ser humano e o trabalho e entre o conjunto dos humanos. Provavelmente Buber não pensava que “Deus estava morto”, como Nietzsche, mas sim que a comunicação com Deus havia sido dificultada com o *Zeitgeist*. Para ele, a relação com Deus deveria ser necessariamente *Eu-Tu*. O capitalismo e o individualismo representam o *Eu sem Tu*; o comunismo e o coletivismo representam o *Tu sem Eu*. Quando as relações *Eu-Tu* não emergem, devido às relações *Eu-Isso*, o conflito se torna a norma. Por isso, Buber defendia as comunidades dialógicas. A dimensão ética da relação *Eu-Tu* está no reconhecimento do *Outro* como pessoa; caso contrário, o *Outro* passa a ser percebido como objeto. *Eu e Tu* foi escrito na época em que o germanismo e a ideologia nacionalista-populista estavam

em ascensão. Buber não foi crítico somente dos acontecimentos na Alemanha, mas também do extremismo presente no movimento sionista da época. Entre 1930 e 1944, toda a comunidade judaica e outros considerados “não pessoas”, como ciganos e homossexuais, foram estigmatizados e perseguidos. Esse foi o resultado do domínio das relações *Eu-Isso*, da objetificação do *Outro* e da supressão das relações *Eu-Tu*. Além de ser crítico dos acontecimentos na Alemanha, também advertiu que a imigração judaica para a Palestina tinha que ocorrer em diálogo *Eu-Tu* com a população árabe local e que o estabelecimento de um Estado binacional era desejável. Se a relação fosse *Eu-Isso*, seria extremamente problemática. Buber rejeita a dicotomia inimigo-amigo. O diálogo – relação *Eu-Tu* – é um instrumento fundamental para promover a resolução de conflitos entre indivíduos e entre comunidades. O diálogo encoraja a discutir problemas e encontrar soluções. Por isso ele argumentava a favor das comunidades dialógicas e seu principal dinamizador é a educação. A integração das pessoas dentro das comunidades somente poderia ocorrer por meio da educação dialógica.

O terceiro capítulo, *Buber, Russell e Lukács: utopia*, indica pontos de interesse que os perpassavam. O filósofo britânico analítico ateu Bertrand Russell (1872-1970) era pacifista, empenhava-se pelo desarmamento nuclear e lutava pela liberdade e pela dignidade humanas. Eles trocaram algumas cartas. Georg Lukács (1885-1971) era húngaro, crítico literário, marxista ortodoxo. Tiveram vários amigos e buscas em comum. “Utopia”, palavra grega que se refere à ideia de *um lugar nenhum*, é retomada na época moderna, passando a fazer referência a uma sociedade ideal ou perfeita. Russell assevera que uma melhor ordenação da sociedade humana, ante o caos destrutivo e cruel, é antiga, e Platão já a discutia em seu livro *República*. Para ele, caminhos alternativos foram propostos por Marx, com a doutrina socialista, por Bakunin, com o anarquismo, e pela “revolta sindicalista”. Lukács publica, em 1922, *História e consciência de classe*, com o objetivo de criar um partido revolucionário de vanguarda, dizia da liderança política e moral e da educação às classes trabalhadoras, assim, a hegemonia burguesa seria desafiada e substituída pela ditadura proletária para, finalmente,

haver uma sociedade sem classes. *Caminhos da utopia* foi publicado por Buber em 1946 e tinha a intenção de fazer um relato sobre o socialismo utópico. Segundo dizem, a obra foi escrita no meio da maior crise que a humanidade já conheceu – não se tratava, simplesmente, de uma troca de sistema econômico e social. A resposta de Buber a essas ameaças à humanidade é *a comunidade autêntica e a educação dialógica*.

No quarto capítulo, *Buber e o pacifismo*, há, inicialmente, a defesa do *diálogo* como uma forma de estabelecer a paz e resolver conflitos. Porém, que tipo de pacifismo ele defendia? Os autores definem pacifismo como (a) a crença em métodos de paz como alternativas viáveis e desejáveis à guerra ou (b) uma doutrina que rejeita e exclui a guerra e toda forma de ação violenta para resolver disputas. A defesa da primeira definição e a rejeição da segunda apontam para o *pacifismo fraco*. Porém, a defesa da segunda definição e, por extensão, a defesa da primeira apontam para o *pacifismo forte*. Os autores entendem que Buber defendia a segunda definição por rejeitar e excluir a guerra e toda ação violenta como forma de resolver disputas. Ele defendia o diálogo como único instrumento ético para a paz e a resolução de conflitos. Sem o diálogo, há aumento da disputa e do conflito. Ele demonstra que a perseguição aos judeus na Alemanha atingiu o cerne do judaísmo. Buber dialoga com Gandhi tomando como referência o termo *satyagraha*, que significa “testemunho sem reconhecimento”, “martírio ineficaz”. É um pacifismo forte, mas inútil em uma situação extrema. Elias Canetti (1905-1994), judeu sefardita búlgaro, também escreve sobre a natureza das massas e afirma que, quando somos absorvidos pela *massa*, queremos que a segurança coletiva permaneça. Wilhelm Reich escreve *Psicologia de massas do fascismo*, entre 1930 e 1933. Nessa obra, ele diz que o fascismo é a expressão última das personalidades de caráter irracional e, posteriormente, afirma que a multidão escolhe regimes autoritários – o fascismo e o nazismo – contra seu próprio interesse, pois anseia satisfazer seus desejos orgásticos e orgíacos. Para Buber, a reconciliação e a paz só podem ser iniciadas com o reconhecimento das diferenças e dos pontos de conflito. Nesse sentido, ele defende o diálogo entre judeus e árabes.

O quinto capítulo, *Buber e Fanon*, apresentará a contraposição entre as filosofias da educação de Martin Buber e as de Frantz Fanon (1925-1961). Buber compreende que as relações *Eu-Tu* e *Eu-Isso* exercem papel importante na educação. Critica a educação tanto centrada no professor quanto centrada no estudante, pois ambas permanecem no âmbito do *Eu-Isso*. Defende a abordagem baseada no *diálogo* entre professor e estudante, na relação *Eu-Tu*. A educação dialógica se refere à formação e à educação do caráter. A tarefa central da educação é permitir que as pessoas vivam humanamente em paz e em harmonia social. Buber entende que a educação como ensino e aprendizagem é mais fácil que a educação do caráter, que ensina valores com base na relação *Eu-Tu*. Ele defende uma atitude “política” de *diálogo*, de *respeito mútuo* e de *reconhecimento* entre indivíduos e comunidades, numa *comunidade dialógica*. A educação dialógica dificulta o surgimento de preconceitos e de racismo. O potencial do conflito fica reduzido devido à chance de resolução do problema. Politicamente, o diálogo suscita o respeito e permite que o sujeito esteja aberto ao *Outro*. F. Fanon foi psiquiatra, filósofo e revolucionário da colônia de Martinica e tem sido influente nos estudos pós-coloniais. Na Argélia, testemunhou o racismo dos colonizadores franceses em relação à população árabe local, fato que desenvolveu sua visão de psiquiatria e educação e sua concepção de *contestação*, como resposta a situações de crise. Violência psicológica é um dano à psique humana, pois implica lavagem cerebral e doutrinação para apaziguar a autodeterminação da população local. Há também a violência estrutural, caracterizada pela violência socioeconômica, em que existe exploração dos recursos locais pelos colonizadores a favor da metrópole. Para Fanon, toda a situação dos países colonizados é consequência de violência. Sonnleitner (1987) afirma que a defesa de Fanon ao terrorismo está de acordo com seu programa: a) promoção do autorrespeito individual; b) realização da independência política; e c) criação de uma humanidade. Para Fanon, os países colonizados e os povos oprimidos devem adotar um modelo anticolonialista de educação, o qual não seja extensão da dominação. Para ele, o diálogo problemático entre colonizador e colonizado se dá porque nenhum vê o *Outro* como humano. Para Buber, somente através do *diálogo* tais comuni-

dades antagônicas poderão estabelecer uma relação ou, pelo menos, estar à disposição de ir ao encontro do outro.

O sexto capítulo é intitulado *Buber e o holocausto*. Em 1933, quando Adolf Hitler foi confirmado chanceler da Alemanha, o antissemitismo torna-se ideologia oficial, apoiada pelo *racismo científico*. Os judeus, então, são proibidos de exercerem várias profissões e terem empresas, até perderem o direito de cidadania com as leis de Nuremberg, em 1935. Buber viveu os horrores do nazismo. Ele defendia um renascimento cultural judeu e a educação como o dispositivo mais eficiente da comunidade judaica para enfrentar a repressão. Defendia também a educação para a formação da vida comunitária e a comunhão judaica. Buber entendia que o diálogo com Deus era necessário para alcançar a humanidade e dar sentido à existência. Em 1933, ele tenta fundar uma escola, mas não consegue realizar esse projeto. Cria, então, um escritório para empreendimentos educacionais para adultos da comunidade judaica, na Alemanha. Várias experiências foram realizadas até a Noite dos Cristais, em 9 e 10 de novembro de 1938, quando empresas e sinagogas foram saqueadas e queimadas e judeus foram assassinados e levados para os campos de concentração. O processo educacional estabelecido ajudou os jovens a ter uma estrutura estável e mobilização para a existência. Em 1935, a família de Buber vai para a Palestina e, em abril de 1938, ele se une a ela. Ele foi professor de Filosofia Social na Universidade Hebraica de Jerusalém e acompanhou os acontecimentos na Alemanha. Escreveu sobre a missão que a comunidade judaica tinha no mundo. Foi criticado por não ter feito mais contra o Holocausto. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, aparece a extensão do Holocausto: seis milhões de judeus haviam perecido.

No sétimo capítulo, *Buber e a educação moral*, são discutidas as questões éticas que perpassam as relações dialógicas, defendidas por Buber. As relações *Eu-Tu* e *Eu-Iso* impactam as relações humanas, com a natureza e com Deus. A compreensão de Buber sobre ética está diretamente ligada à relação entre *um Eu* e *um Tu*, perspectiva que foge da disputa entre os que afirmam que os valores são absolutos por natureza e os que alegam que são relativos a indivíduos ou grupos. Para ele, o valor está *entre*, ou seja, no

intervalo da relação do *Eu* com um *Tu*. Perspectiva que fica mais clara no contraste com a relação *Eu-Isso*. Nesta, não há *inclusão* e a relação é distante. Assim, mesmo existindo a tomada de consciência e a ajuda a uma comunidade que necessita de auxílio, ainda permanece a relação *Eu-Isso*. Entrar numa relação *Eu-Tu* com o outro supõe relação mútua, ou seja, aproximar da experiência do outro no momento em que ele necessita. A *inclusão* leva à partilha da experiência do outro. Essas relações podem ser aplicadas ao coletivo, quando um grupo não considera o outro como *Tu*, não o reconhece como *pessoa*. Nesse caso, crimes podem ser cometidos. A relação *Eu-Tu* pode se transformar em *Eu-Isso*, e as relações *Eu-Isso* têm potencial para se tornarem *Eu-Tu*. Essas abordagens de Buber se assemelham ao imperativo categórico de Kant: “age de tal forma que uses a humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo, como fim e nunca como meio” (p. 161). Entretanto, para Kant, o respeito pelos outros é resultado do autorrespeito e, para Buber, é resultado da relação direta com o *Outro*. A chave do existencialismo de Buber é que a moralidade é revelada sempre que a situação surge. Aí emergem o que deve ser perguntado e a resposta apropriada. Esse é o *entre diálogo*. Assim, a educação deve ser sempre dialógica e voltada para a educação do caráter; e, nesse âmbito, tanto a relação educador-educando quanto a relação entre educandos deve ser dialógica. As reflexões críticas, a interação com o outro e o respeito ao ponto de vista dele e a reavaliação do próprio ponto de vista são denominados por Buber de *comunidade dialógica*. Isso aumenta a coesão social, sustenta a criatividade e dissipa o potencial de conflito.

No oitavo capítulo, *Buber e a educação de adultos*, os autores avançam na demarcação da compreensão de Buber sobre o processo educacional. Na relação professor-aluno, há uma unilateralidade, pois, mesmo que haja inclusão dialógica, ela não pode ser completamente mútua. Dessa forma, a relação se tornaria amizade. Essa relação está sob a direção do orientador. A educação não é seletiva, ela se estabelece com o estudante que está diante do educador; o que é diferente na relação amorosa, que é seletiva. A educação de adultos é diferente da educação de crianças. Ela permite um nível superior de mutualidade, baseia-se num nível superior de comunhão. O objetivo é permitir que as

peças vivam humanamente e em paz e em harmonia social. É a educação para a comunidade. Na relação educador-estudante, há constante avaliação e reavaliação das plataformas de valores. Além da educação formal, há também a *educação não formal*, que acontece fora do sistema formal estabelecido. Há preocupação com os grupos e povos desfavorecidos. Os autores citam alguns exemplos de iniciativas do hemisfério sul, como o projeto brasileiro Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo (Mova-SP), influenciado por Paulo Freire e Martin Buber e estabelecido em 1989 para minimizar o analfabetismo. Há parceria entre governo e organizações não governamentais (ONGs), porém, não ficam atreladas a partidos políticos. As filosofias educacionais de Freire e Buber baseiam-se no diálogo. Tanto as relações *Eu-Tu* quanto as *Eu-Isso* desempenham papel na educação de diversas formas, permitindo surgimento e aprofundamento de relações *Eu-Tu*. Para Buber, as relações dialógicas eram transformadoras para indivíduos e comunidades e, para Freire, estavam diretamente ligadas à ação política, uma forma de pobres e oprimidos adquirirem consciência crítica e tentarem desafiar as estruturas sociopolíticas opressoras. A educação não formal promove, através do diálogo, a cidadania ativa e combate ao sexismo, ao etarismo, ao racismo e outras fobias sociais. E diante do aumento das migrações, essa perspectiva deve ser levada ao diálogo entre comunidades. Somente através do diálogo sustentado, constante e incansável entre comunidades em conflito, as disputas podem ser superadas. Apontando a potencialidade do dialógico, os autores afirmam que, após a Segunda Guerra Mundial, o diálogo entre Alemanha e Israel (perspectiva *Eu-Tu*) ajudou a diluir o conflito entre os países, mesmo com as atrocidades do nazismo, enquanto a falta do diálogo entre Israel e Palestina (perspectiva *Eu-Isso*) aumentou o conflito entre as duas comunidades, mesmo essas nações tendo interesses reais em comum. A pesquisa e o investimento na educação não formal de adultos, baseada na *diálogo*, em que o *Outro* se torna um *Tu*, são fundamentais.

O nono capítulo, *Buber e a paz no Oriente Médio*, afirma, em seu início, que a teoria do diálogo não é somente para as relações interpessoais. Ela tem importância social e política. O estado de

natureza de Hobbes é um mundo fundado nas relações *Eu-Isso*. De acordo com a antropologia filosófica de Buber, somos seres relacionais. Por isso, há, no capítulo, uma distinção entre *comunidade*, na qual acontecem as relações *Eu-Tu*, e *sociedade* (associada às relações *Eu-Isso*), na qual os indivíduos se relacionam entre si como instrumentos para atingir um fim. O desafio é formar comunidades dentro de sociedades. O diálogo tem múltiplas camadas e múltiplos participantes; por isso, no conflito intercomunitário, o diálogo deve assumir formas tanto de *interdiálogo* (entre comunidade e sociedade) quanto de *intradialogo* (dentro da comunidade e sociedade). Diálogos entrelaçados devem ocorrer paralelamente. No Oriente Médio, o diálogo deve acontecer entre israelenses, árabes e palestinos (*interdiálogo*) e na interioridade de cada sociedade e comunidade (*intradialogo*). Os autores citam as várias interações ocorridas e os desafios que persistem nas várias conjunturas geopolíticas da região (p. 208-211). É necessário que as sociedades estejam dispostas a fornecer a estrutura e o apoio necessários para as comunidades se engajarem no diálogo. O *intradialogo* permite que as comunidades e sociedades integrem as memórias reprimidas e difíceis para que, assim, não emergjam em forma de violência. As relações *Eu-Isso* são de natureza instrumental, não tem conteúdo moral e não se baseiam na mutualidade e no reconhecimento do *Outro* como um igual. Portanto, torna-se fundamental que os governos compreendam a educação dialógica e invistam nela, nas relações *Eu-Tu*.

O décimo e último capítulo, *Buber e o interculturalismo no Brasil*, começa por caracterizar o interculturalismo como a interação entre diferentes culturas e os vários processos subjacentes a ele. Isso possibilita a tomada de consciência de que o *Outro* é diferente, porém, devem se reconhecer e se respeitar mutuamente, mantendo suas diferenças. O Brasil oferece uma estrutura singular para a interação de diferentes culturas (camada interna), e a interação produz a cultura brasileira (camada externa). O multiculturalismo defende a tolerância de múltiplas culturas dentro de uma estrutura maior. O mito de o Brasil ser uma *democracia racial* vem do movimento abolicionista do século XIX, em que todas as raças viviam em harmonia. Gilberto Freyre (1933) usou esse termo, pois identificava a miscigenação

interracial como um fator importante para entender a suposta harmonia entre as raças na sociedade brasileira. A literatura sobre esse tema é extensa e há concordâncias e discordâncias em relação a ele. Porém, o Brasil não é apenas um *paraíso racial*, mas também uma *democracia religiosa*. A liberdade religiosa é lei desde 1891 e a demografia religiosa é variada e com tendência à mobilização entre as religiões. Os autores apresentam uma tabela do Censo de 2000 com a variedade religiosa e alguns processos educacionais que foram desenvolvidos. Ao retomarem a filosofia do diálogo de Buber, afirmam que as relações *Eu-Tu* estão profundamente relacionadas ao interculturalismo, o qual defende que culturas diferentes devem ser conscientes de que o *Outro* é diferente e devem respeitá-lo em sua diferença. A teoria dialógica das relações humanas de Buber dá clareza às relações intercomunitárias. A visão dele sobre educação possibilita resolver conflitos intercomunitários e iniciar o diálogo pacífico entre comunidades. O conceito de comunidades dialógicas fornece a estrutura que permite aos indivíduos e às comunidades se entenderem e estabelecerem relações de interdependência.

O livro *Buber e a educação: diálogo como resolução de conflitos* procura, portanto, enfrentar o desafio de lidar de forma prática com as divergências que perpassam as relações humanas, tanto interpessoais quanto coletivas e interculturais. As palavras-princípio de Buber, *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, são muito bem trabalhadas no decorrer da obra, permitindo que mudanças sejam efetuadas e experienciadas nos vários ambientes em que relações humanas ocorram. De modo especial, essas relações devem acontecer na educação de crianças, adolescentes e jovens, estimulando-os a percorrer caminhos de relações cidadãs e de construção da cultura de paz. Os autores da obra optaram por não fazerem críticas. Eles não mostraram os avanços e os limites dessa forma de conceber a educação, sobretudo, para a realidade brasileira. Entretanto, em seu conjunto, é um bom livro, e os autores apresentam de maneira clara a perspectiva *do diálogo como resolução de conflitos* em seus vários desafios e perspectivas. Assim sendo, trata-se de uma boa maneira de enfrentar e minimizar as intolerâncias. Boa leitura e bom estudo das palavras-princípio *Eu-Tu* e *Eu-Isso*, de Martin Buber!